



## LAZER EM PELOTAS NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

**BERNARDI, Gabriela Lamas Soca<sup>1</sup>; MOURA, Amanda da Costa<sup>2</sup>; SILVA, Bianca Baladam de Souza<sup>3</sup>; VASQUEZ, Cássia<sup>4</sup>; RIBEIRO, Thayse Soares Fernandes<sup>5</sup>.  
Orientadora: FERREIRA, Renata Brauner<sup>6</sup>**

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo refere-se ao projeto de pesquisa “Lazer em Pelotas no último quartel do século XIX” desenvolvido por acadêmicas e docentes do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas. O projeto existe desde 2006 e, primeiramente, visava levantar dados a respeito do lazer atribuído à rica elite pelotense daquele período, porém, hoje se busca mais informações a respeito do lazer destinado às classes menos favorecidas daquela época.

Após um longo período de pesquisa a respeito das atividades de lazer desenvolvidas pela classe mais abastada de Pelotas pudemos obter um grande número de informações a respeito dessa classe social e achamos que seria interessante buscar documentos que mostrassem os diferentes tipos de lazer exercidos pelas classes mais pobres da cidade a fim de comparar tais dados aos obtidos anteriormente.

Buscou-se pesquisar tal período porque foi no século XIX que as charqueadas e, conseqüentemente, o desenvolvimento da cidade de Pelotas, atingiu seu auge: em 1873 chegaram a existir 35 charqueadas na região e é nos últimos 30 anos do Império brasileiro – tomando como marco simbólico os anos de 1860 a 1890 – que o historiador Mário Magalhães (1993) aponta como o período de apogeu da história de Pelotas, ou seja, o período em que a cidade reuniu as melhores condições econômicas, urbanas, sociais e culturais de desenvolvimento.

A safra do charque ocorria em torno de seis meses por ano e, por ser este um trabalho escravista e sazonal, os charqueadores dispunham de muito tempo livre durante o resto do ano, e mesmo durante o período de maior atividade das

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. bibahitz@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. amanda80@bol.com

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. bibaladam@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. cassia-vasquez@hotmail.com

<sup>5</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. thayse.soares@yahoo.com.br

<sup>6</sup> Docente do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. renatabrauner@yahoo.com.br

charqueadas estas não exigiam a presença ostensiva de seus proprietários. Peres (2002, p. 85) afirma que “a safra do charque era de novembro a abril, durante os meses de mais calor, quando o boi engordava e a carne secava mais facilmente”. Em nossa pesquisa, os usos do tempo livre pela elite pelotense é analisado a partir do conceito de “Ócio Conspícuo” elaborado por Thorstein Veblen, ou seja, desenvolve-se a idéia de que não basta ter riqueza e poder, é preciso ostentá-los aos olhos de todos. Na sociedade pelotense, esse tempo livre era exibido através de viagens, saraus, bailes, espetáculos e atividades no espaço público.

## **2. METODOLOGIA**

As participantes do projeto reúnem-se semanalmente para discutir e apresentar os dados coletados durante a semana. A pesquisa é feita através de livros e artigos encontrados no Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, assim como no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPel), na Biblioteca de Ciências Sociais e também através da busca de artigos já publicados em eventos relacionados ao lazer. Os textos e artigos são fichados e apresentados oralmente para todas as integrantes do projeto para que todas estejam a par do andamento das pesquisas. Hoje possuímos um grande número de livros e artigos fichados e prontos para serem consultados assim que necessário.

Porém, nossa principal fonte de pesquisa são os periódicos pelotenses do século XIX. Semanalmente são preenchidas em torno de vinte fichas de pesquisa na Biblioteca Pública Pelotense. Os periódicos pesquisados são o Correio Mercantil, Diário Popular e A Opinião Pública. Todas as notícias que remetam às atividades de lazer realizadas pelas classes populares da sociedade daquela época na cidade de Pelotas, assim como algumas citações a respeito da elite que remetam a algum tipo de preconceito aos mais pobres, são copiadas e discutidas em grupo durante a reunião semanal.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com a metodologia empregada obtivemos alguns dados preliminares. Peres (2002) destaca que com a intensa atividade industrial e comercial a cidade absorveu grande número de escravos e trabalhadores nacionais livres, além de imigrantes de diversas nacionalidades. Ainda que a maior parte desta população se concentrasse nas atividades ligadas ao charque, outra parte estabeleceu-se na zona urbana. Havia também os trabalhadores temporários das charqueadas que, durante a entressafra, ficavam na cidade, onde se ocupavam das atividades domésticas e da produção de bens e serviços. Os imigrantes pobres também atuavam nestas atividades e muitos ainda trabalhavam no comércio.

Neste período o lazer era quase exclusivo para os homens brancos, sendo o lazer para as mulheres e para os escravos controlado e reprimido. Porém, em Pelotas houve uma série de representações e associações que lutavam contra a escravidão e buscavam proporcionar lazer para essa classe. Segundo Mello (1994), toda a legislação latente do século XIX revelava medo na sociedade dos brancos de possíveis manifestações de revolta e insubordinação dos escravos e percebeu-se que para realizar tal controle social seria necessária a ação efetiva de um aparato policial que coibisse, por exemplo, “o ‘ajuntamento de escravos’, a jogatina, o

trânsito sem passe, a presença em horários tardios nas tabernas, bailes e a venda de 'bebidas espirituosas'." (1994, p.34).

O tempo disponível da elite também era utilizado para controlar os ditos 'subalternos', fossem eles escravos ou trabalhadores livres. Na imprensa destacavam-se as queixas contra o comportamento destes com ênfase em grande parte das vezes nos escravos e nos libertos. O jornal *Correio Mercantil* (16/11/1883) apresentava os ex-escravos como grupos "completamente atrasados, alheios a todas as formas de existência social, sem profissão determinada, sem princípio de vida livre, [...] entes desamparados".

Os escravos urbanos tinham uma vida social, cultural e religiosa muito mais diversificada que o escravo agrícola e, por isso, muitos escravos fugiam das charqueadas (principalmente durante o período de safra, quando o trabalho era extremamente desgastante) e iam em direção à cidade a fim de passar a noite com uma mulher, de desfrutar de uma cama, de possuir álcool em abundância, jogar cartas ou, como já citados antes, participar de bailes e "ajuntamentos" de escravos e libertos (Mello, 1994). Ou seja, de desfrutar um pouco de tempo para o ócio, pois o tempo do escravo se dividia em tempo do trabalho, tempo da alimentação, tempo de dormir, não sobrando nenhum tempo disponível para realizarem atividades que lhe dessem prazer.

Os escravos despendiam, também, parte de seu tempo com a religião. Os negros congregavam-se nas Irmandades Católicas, como a Irmandade Nossa senhora do Rosário e na Irmandade de São Benedito. Abreu (*apud* Loner, 2002) destaca que a Igreja, no final do Império, demonstrava uma grande tolerância com as práticas religiosas populares e afro-brasileiras, porque necessitavam recuperar terreno frente a outras doutrinas e ideologias que ameaçavam seu "status" na sociedade brasileira.

Na cidade de Pelotas existiram muitos casos de lugares que realizavam o "batuque", que é uma religião afro-brasileira, e tem seu nome derivado dos ritmos que são produzidos pelos negros a base da percussão durante a realização do culto religioso. Segundo Mello (1994), o batuque no Rio Grande do Sul durante o século XIX foi uma manifestação típica de negros pobres, porém o autor não elimina a hipótese da participação de brancos.

Segundo este mesmo autor, os lugares onde eram realizadas as reuniões chamadas "feitiçarias" ficavam, em sua grande maioria, nas proximidades da zona portuária e na várzea, sendo estes lugares reconhecidos como perigosos pelas autoridades. Devido à crescente urbanização, as residências tornavam-se cada vez mais próximas e as batucadas, os cantos e as danças do ritual alertavam toda a vizinhança. Alguns denunciavam e alegavam a existência de muito barulho e algazarra ao redor de suas residências, e essas eram terminadas com a presença de policiais que levavam presos os principais envolvidos e castigavam os escravos ali presentes. Os escravos deveriam subordinar-se a religião de seus proprietários que eram cristãos católicos e não poderiam falar a respeito de suas preferências religiosas, caso contrário seriam perseguidos pelos charqueadores com escolta policial. (Pereira, 2007).

#### 4. CONCLUSÕES

Podemos concluir que a elite pelotense não se furtava de exibir sua desnecessidade de trabalhar realizando uma série de atividades lúdico-culturais que demonstravam seu desprendimento de outras atividades com fins lucrativos. Já as classes populares procuravam imitá-la em suas atividades, mas na proporção de seus poucos recursos. Quanto ao lazer dos escravos para seus patrões era considerado um absurdo, mas mesmo sendo perseguidos eles procuravam driblar o controle e a vigilância exercidos sobre eles.

Assim, pode-se concluir previamente que o lazer na cidade de Pelotas no século XIX era direcionado principalmente para a elite, porém as classes menos privilegiadas, mesmo com controle e repressão, também buscavam alternativas de lazer. Enquanto os charqueadores desfrutavam do chamado *ócio conspícuo*, a fim de demonstrar sua desnecessidade de trabalhar e enaltecer sua posição social, as classes populares buscavam alternativas de lazer seguindo, adaptando-se e, muitas vezes, afrontando o modelo dessa elite.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Fonte primária, jornal pelotense do século XIX consultado:**

Correio Mercantil

### **Fontes secundárias**

LONER, Beatriz Ana. Pelotas Se Diverte: Clubes Recreativos e Culturais do Século XIX. In História em Revista. UFPel, vol. 8, 2002.

MAGALHÃES, Mário O. Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas, (1860-1890). Pelotas, EdUFPEL: co-edição Livraria Mundial, 1993.

MELLO, Marco Antônio Lirio de. Reviras, Batuques e Carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas. Pelotas: ed. da UFPel, 1994.

PEREIRA, Adélia Maria da Silva. Irmandades Religiosas Negras em Pelotas (1847-1860). Agosto, 2007.

PERES, Eliane. Sob(re) o *silêncio* das fontes... A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais In Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, jul-dez 2002, n. 4.

VEBLEN, Thorstein. Emulação pecuniária In OLIVEIRA, Paulo de Salles. O lúdico na cultura solidária. SP: Hucitec, 2001

VEBLEN, Thorstein. Ócio conspícuo In OLIVEIRA, Paulo de Salles. O lúdico na cultura solidária. SP: Hucitec, 2001.